

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

PÁTHOS É ESCUTA

Izabela Bocayuva
UERJ

RESUMO: Considerando o Mito de Er, da *República* de Platão, e como ocorre cada uma das várias atitudes das almas frente à escolha de suas vidas futuras, podemos assistir a vários níveis de escuta próprios ao exercício da paixão. A escolha exemplar da alma de Odisseu revela o relacionamento propriamente filosófico, isto é, sereno, com as paixões. Mas Odisseu também se mostra como sofista, como retórico por excelência, capaz da plena persuasão. É o que fica evidente numa passagem do segundo Canto da *Íliada*. Ali, ele sabe como mobilizar as paixões. A *Retórica* de Aristóteles está diretamente relacionada com toda essa problemática, a saber, a mobilidade, a movimentação das paixões.

PALAVRAS-CHAVE: paixões da alma, escuta, Odisseu, mito de Er

ABSTRACT: Considering Plato's myth of Er in *Republic* and how each choice of future lives by lots of different souls happens, we can see multiple levels of listening proper to the practice of passion. The exemplar choice of Odysseus' soul reveals a philosophical (serene) connection with the passions. But Odysseus shows himself like a sophist too, like a rhetoric *par excellence*, able of total persuasion. That's what is evident in the second Chant of *Iliad*. There, he knows how to move the passions. The Aristotle's *Rhetoric* is directly connected with all this problems concerning the mobility of the passions.

KEYWORDS: soul's passions, listening, Odysseus, myth of Er

A influência das paixões nas decisões é tema fundamental da retórica. Cada um julga ou delibera diferentemente se se encontra, por exemplo, calmo ou encolerizado, se é jovem, velho ou homem maduro, se é rico ou pobre. Aristóteles, na *Retórica*, continua desenvolvendo a lógica no sentido de que ela possa auxiliar o orador, da melhor maneira possível, na construção do discurso que deverá conduzir as almas dos cidadãos nas mais diversas circunstâncias e, atendendo ao conselho de Platão, tal como aparece no diálogo *Fedro*¹, com o mesmo fim de auxiliar o orador, desenvolve também uma ampla psicologia do

¹O conselho de Platão ao qual atende seu discípulo filósofo, Aristóteles, é feito através da personagem Sócrates que afirma: "É, pois, evidente que tanto Trasímaco como quem quer que se disponha a ensinar a fundo a arte da oratória, terá de começar por descrever exatamente a alma e deixar patente se ela é, por natureza, uma e homogênea ou, como os corpos, polimorfa. A isso é que se chama mostrar a natureza das coisas. (...) Em segundo lugar, explicar de que modo e sobre quê atua naturalmente, ou como e porquê é afetada. (...) Em terceiro lugar, depois de distinguir os vários gêneros de discursos e de almas e suas respectivas afecções, individualizará

Bocayuva, Izabela
Pathos é escuta

ponto de vista dos afetos. É que sempre já nos encontramos dispostos afetivamente, de modo a escutarmos positivamente ou não uma argumentação e isso independentemente de qualquer postura moral. A investigação empreendida por Aristóteles dos *éthe*, dos caracteres, relativos a cada paixão, não guarda qualquer laivo moralista. O que interessa a esse pensador, com a *Retórica*, é dar conta suficientemente das várias possibilidades de escuta de um grupo humano. Escuta e disposição da alma coincidem. Só se escuta o que e como já previamente se escutou.

“A alma é de certa forma todas as coisas”². Essa constatação do Estagirita no *De Anima* (III 431 b 21), relativa à questão do conhecimento, se parafraseada, agora numa relação com as disposições da alma, cabe ser pensada tanto em relação ao orador quanto em relação ao ouvinte. Se por um lado o orador, para ser reconhecido como tal, deve ter capacidade suficiente para mobilizar várias paixões, por outro lado, todo ouvinte pode também sofrer todos os tipos de paixões, muito embora cada um necessite de um tratamento diferente para ser afetado. Como dissemos anteriormente: só se escuta o que e como já previamente se escutou.

No segundo livro da *Iliada* assistimos a Odisseu, o multiastuto (*polymechanos*), envolvido por uma mesma circunstância urgente, preparar discursos bastante diferentes, de um lado para os generais e de outro lado para os soldados, a fim de alcançar o mesmo fim: cessar a correria provocada pelo discurso desanimador de Agamêmnon e reunir todos novamente. Logo depois, ele mesmo discursa de modo a plantar de novo ânimo intenso no coração de todos os guerreiros, os quais, ao mesmo tempo, o aplaudem fervorosamente³.

No mito de Er, fim do diálogo *A República* de Platão, podemos encontrar outros belos exemplos de escuta que agem ou deliberam a partir de um *páthos* determinado⁴. Com certeza o tema principal desse mito não pertence ao âmbito de uma discussão acerca da retórica. Por isso algumas ressalvas devem ser feitas. A primeira é que para aproveitarmos desses

as causas, acomodando gênero por gênero, para mostrar a razão de persuadir determinado discurso esta ou aquela alma e de deixar uma terceira de todo indiferente.” (271 a-b) E mais adiante: “Dado que o poder de todo discurso é conduzir almas, quem quiser ser orador terá necessariamente de conhecer quantas espécies há de almas. Ora, as almas podem ser deste ou daquele jeito, com estas ou aquelas qualidades, do que decorre nascerem os homens com aptidões diferentes. Assentadas todas essas distinções, haverá por outro lado, tais e tais modalidades de discursos, cada um constituído de um jeito. Daí a possibilidade de certos homens se deixarem conduzir num determinado sentido, por meio de tais discursos e de tais causas, enquanto outros, pelas mesmas razões, resistem a esses mesmos processos de persuasão.” (271d)

² *he psychè tà ónta pós esti pánta*.

³ Cf. *Iliada* II 190-206 e II 284-333

⁴ O que está perfeitamente de acordo com a afirmação de Aristóteles no segundo livro da *Retórica*: “As paixões são as causas que fazem variar os homens em seu julgamento e têm por conseqüência a dor e o prazer, como a cólera, a piedade, o medo e todas as outras emoções desse gênero, bem como seus contrários.” (II, 1378 a 19-22)

Bocayuva, Izabela
Pathos é escuta

exemplos, será necessário nos desvencilharmos da noção, cara a Aristóteles, de que a especulação própria à retórica acerca da mobilização das paixões deve visar a um grupo de indivíduos tendo tal ou tal caráter e não a um indivíduo apenas⁵. O que queremos através desses exemplos não é, como no anterior, tratar do fenômeno da persuasão de todo um grupo numa só direção, mas considerar pontualmente a influência decisiva da paixão na deliberação. Esse mito trata, aliás, do que seria a mais originária deliberação, a saber, como decidimos acerca do que constituirá o conjunto de todas as deliberações futuras envolvendo a vida por inteiro de cada alma. Outra ressalva é que não cabe esperar da fala que aconselha e antecede o conjunto variado de deliberações apaixonadas, no mito, qualquer papel retórico. Veremos que não se trata ali de um discurso argumentativo que visasse a um convencimento coletivo. O conteúdo da fala da divindade *Láquesis* que veremos a seguir não constrói sequer argumentos. Trata-se ao mesmo tempo de um alerta e um imperativo. Por fim, há que se ressaltar também que os exemplos que extrairemos do mito apenas tocarão de leve na análise muito minuciosa feita por Aristóteles na *Retórica* relativamente às paixões.

Segundo o mito, o corpo do corajoso guerreiro Er teria sido encontrado intacto num campo de batalha repleto de cadáveres já em estado de putrefação. Levado para receber as honras fúnebres, ele revive sobre a pira e conta aquilo de que foi testemunha⁶ no Hades com a permissão dos deuses. Ele descreve a paisagem da peregrinação das almas naquele lugar: almas são encaminhadas por juízes seja para o alto seja para baixo, bem como outras almas, depois de um período de mil anos, provêm do alto e de baixo. Reunidas, todas estas últimas seguem caminho até o momento de terem de escolher seu lote de vida a ser vivido proximamente. É precisamente esse momento da escolha de cada alma que nos interessa aqui. Antes, porém ouviremos nós mesmos o que todas elas necessariamente ouviram, embora tenham escutado diferentemente. Trata-se da fala da deusa Láquesis pronunciada através de um mensageiro-profeta em dois momentos, respectivamente, o anúncio de que cada um é o único responsável pela vida que leva e o aconselhamento do mais expresso cuidado na escolha. As duas falas da deusa são as seguintes:

Primeira fala:

Almas efêmeras, é o princípio de outro período portador da morte para a raça humana. Não um *daimon* vai vos obter como destino (*lankáno*), mas vós é

⁵ É discutível que os exemplos individuais que aparecem no mito estejam a caracterizar traços particulares meramente. Cada alma individual nesse mito é a de um personagem da poesia, estando muito mais a representar tipos universais. Nesse momento é bom lembrar da fala do próprio Estagirita na *Poética* quando afirma que a poesia é muito mais verdadeira do que a história porque trata do universal e não do particular.

⁶ Curiosamente, a palavra que os gregos tinham para dizer testemunho era *mártir*. Assim, Er fora o mártir do que se passa no Hades.

Bocayuva, Izabela
Pathos é escuta

que escolherão o *daimon*. O que for sorteado como primeiro, escolherá em primeiro lugar a vida à qual será atado por necessidade. A virtude não tem um senhor; conforme a honrar ou desonrar, cada um terá dela ou mais ou menos. A responsabilidade é do que escolhe a vida. Um deus não é o responsável.⁷

Segunda fala:

A quem advir o último lugar, escolhendo com inteligência, vivendo intensamente, dispõe-se uma vida desejável, não má. Nem o primeiro a escolher o faça sem cuidado (*ameleíto*), nem o último, sem ânimo (*athumeíto*).⁸

Esta mesma fala irá suscitar diferentes graus de escuta ou de correspondência disposta. Veremos como Platão deixa evidente em vários casos que a escolha de vida próxima a levar tem como decisivo a paixão que move aqueles caracteres.

Er conta, por exemplo, que viu a alma de Orpheu escolhendo a vida de um cisne e logo em seguida fala daquilo que o teria conduzido nessa escolha. É que Orpheu odeia (*mísei*) a raça das mulheres por ter morrido pelas suas mãos e por isso não queria nascer engendrado por uma mulher⁹. Viu também a alma de Ajax Telamônio escolher a vida de um leão. Não queria um nascimento humano também por ódio, devido ao episódio da perda das armas de Achiles para Odisseu¹⁰. E mais uma vez, por ódio (*échthra*) da raça humana que tramou contra ele, Agamêmnon escolhe a vida de uma Águia¹¹. É fácil reconhecer aqui, a partir da presença do verbo *misein* e do substantivo *échthra*, uma das paixões tratadas por Aristóteles na *Retórica*.

Salta aos nossos olhos também o quanto cada uma dessas escolhas, além de ser marcada pela paixão que a movimenta decididamente, traz igualmente a marca do “conjunto dos hábitos” (*synetheía*)¹² da vida anterior de cada alma em questão. Orpheu, o extraordinário músico escolhe a vida de um cisne, animal de grande beleza conhecido pela característica de encantar a todos com seu extraordinário canto na véspera da morte¹³. Ajax Telamônio, o maior guerreiro em batalha depois de Aquiles, escolhe a vida de um leão, animal conhecido por sua extrema ferocidade. Agamêmnon, o general dos generais na guerra dos aqueus contra Tróia, escolhe a vida de águia, a ave mais altiva. Mas, se nesses exemplos dados por Platão é

⁷ 617d 6-e 5

⁸ 619 b 3-6

⁹ 620 a 3-6

¹⁰ 620 b 1-3

¹¹ 620 b 3-5

¹² 620 a 2

¹³ Essa característica é comentada por Sócrates no Fédon.

Bocayuva, Izabela
Pathos é escuta

sempre tão importante a *synetheía* como componente imprescindível daquilo que chamamos aqui escuta, por outro lado, em cada caso, o que de fato é apresentado como causa direta da escolha realizada por cada alma é o ódio que ferve no coração delas. Embora possa até parecer que a sua escolha ocorreu como resultado de uma reflexão, o que Platão quer acentuar em praticamente todos os exemplos que dá, mas, sobretudo, nesses que acabamos de citar, é que não entra em curso exatamente uma reflexividade, mas o impulso espontâneo ou desejo pelo melhor em cada caso. O primeiro a que Er assiste escolhendo a vida é exemplo paradigmático disso. Movido pelo que ele havia, de algum modo, pensado ser o melhor, toma precipitadamente nas mãos a vida de um terrível tirano que será completamente infeliz. Outras almas também movidas pelo mesmo desejo do melhor escolherão uma vida que será a intensificação do que viviam antes. Thamiras, por exemplo, um aedo que tendo disputado com as Musas foi por elas cegado, escolheu, por dor e medo, a vida de um rouxinol¹⁴. Outra foi a alma de Atalanta uma caçadora exímia em corrida que escolheu a vida de um atleta de grandes honrarias¹⁵. A alma do inventivo Epeio, autor do cavalo de Tróia, escolheu a vida de uma mulher artista¹⁶. A alma de Tersites, aquele que, na *Ilíada*, foi motivo de chacota depois de ter sido firmemente bastonado por Odisseu em revide por sua afronta desrespeitosa a Agamêmnon, escolheu a vida de um macaco¹⁷. Em todos esses casos intensamente movidos pelo desejo encontramos pensamento, mas apenas em um caso Platão mostra propriamente a atuação da reflexão. A alma de Odisseu é a única que vemos numa atitude de fato reflexiva, ou então, assumidamente cuidadosa, em clara obediência ao que aconselhara a divindade¹⁸. Ele não age nem por ódio nem por um desejo impulsivo¹⁹, duas das consideradas paixões na *Retórica* por Aristóteles. Em contraste com aquela precipitação da primeira alma a escolher o lote de vida e que foi expressamente caracterizada por Platão como uma atitude *áneu philosophías*, a alma de Odisseu aparece como a alma filosófica por excelência que “lembrando dos trabalhos sofridos anteriormente e querendo descansar do amor às honras, perambulando por muito tempo, procura a vida de um homem particular (*idiótou*) e desocupado (*aprágmonos*)”²⁰, exatamente a vida do aristocrata que, segundo o desenvolvimento da argumentação de Sócrates em *A República*, é e precisa ser o modo de vida do guardião, ou seja, de um filósofo.

¹⁴ 620 a 6-7

¹⁵ 620 b 5-7

¹⁶ 620 b 7-c 2

¹⁷ 620 c 2-3

¹⁸ 620 c 3-d 2

¹⁹ Muito embora seja necessário reconhecer que ele deseja também o melhor.

Bocayuva, Izabela
Pathos é escuta

Em todos esses casos expostos no mito de Er vemos variações do fenômeno da paixão atuando nas decisões, até mesmo quando o caso é o da reflexão exercendo o domínio das paixões. Com efeito, a partir desse passo em que descobrimos na alma de Odisseu o filósofo, voltamos para aquele episódio do segundo livro da *Ilíada*, que consideramos acima, e onde essa mesma personagem aparece como retor multiastuto, capaz de convencer a todos lançando mão tão somente do verossímil pertinente à circunstância em jogo. Se logo acima Odisseu se mostrou com a atitude filosófica do autodomínio, ali naquela passagem de Homero ele se mostra, por sua vez, como um grande sofista no melhor sentido do termo, aquele que conhecendo e dominando as paixões pode manipular poderosamente o discurso na direção que se mostra necessária em cada momento e em cada caso.

Para finalizar, perguntamos se não poderíamos, portanto, tomar Odisseu como um anacrônico caso exemplar de perfeito aprendiz dos ensinamentos da *Retórica* de Aristóteles? Atravessado por uma minuciosa psicologia dos afetos tal como aquela que vemos ser desenvolvida pelo Estagirita, ele seria tanto obediente, ainda que também anacronicamente, ao que o mestre Platão exigira para a plena realização da retórica filosófica, no diálogo *Fedro*, quanto, ao mesmo tempo, seria obediente à suficiência da verossimilhança, cara à sofística, para a eficácia da retórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTOTE. *De L'Âme*. Paris: Les Belles Lettres, 1995.
_____. *Rhétorique*. Paris: Les Belles Lettres, 1991. 3 vol.
HOMERO. *Ilíada*. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2002. 2 vol
PLATÃO. *Obras Completas*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: Universidade do Pará, 1974.
PLATON. *Oeuvres complètes 2 T*. Trad. Léon Robin. Paris: Gallimard, 1950.
PLATONIS. *Opera*. Oxford: Oxford University Press. 1987. 5° ed.

[Recebido em janeiro de 2009; aceito em janeiro de 2009.]